

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Emily Marcella de Cubas Bueno

**A DESVALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA:**  
contribuições a partir da pedagogia histórico-crítica

Goiânia  
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Emily Marcella de Cubas Bueno

Título do trabalho: A desvalorização da Educação Física na escola: contribuições a partir da pedagogia histórico-crítica

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Efrain Maciel E Silva, Professor do Magistério Superior**, em 17/02/2023, às 17:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Emily Marcella De Cubas Bueno, Discente**, em 28/02/2023, às 11:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3500164** e o código CRC **5EC0C2C9**.

Emily Marcella de Cubas Bueno

**A DESVALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA:**  
contribuições a partir da pedagogia histórico-crítica

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física.

**Orientador:** Prof. Dr. Efrain Maciel e Silva

Goiânia  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Bueno, Emily Marcella de Cubas

A desvalorização da Educação Física na escola [manuscrito] :  
contribuições a partir da pedagogia histórico-crítica / Emily Marcella de  
Cubas Bueno. - 2023.

XLVII, 47 f.

Orientador: Prof. Dr. Efrain Maciel e Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD),  
Educação Física, Goiânia, 2023.

Bibliografia.

1. Educação Física escolar. 2. pedagogia histórico-crítica. 3. ensino. I.  
Silva, Efrain Maciel e, orient. II. Título.

CDU 796

Emily Marcella de Cubas Bueno

**A DESVALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA:**  
contribuições a partir da pedagogia histórico-crítica

Esta monografia foi julgada e aprovada para obtenção do título de licenciado em Educação Física na Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás.

Goiânia, 17 de fevereiro de 2023.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Efrain Maciel e Silva, FEFD/UFG (Orientador)

---

Prof. Dr. Hugo Leonardo Fonseca da Silva, FEFD/UFG

---

Prof. Dr. Roberto Pereira Furtado, FEFD/UFG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **17/02/2023**, às **15 horas**, de forma **presencial**, na **sala do Praksis (FEFD/UFG)**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**A desvalorização da Educação Física na escola: contribuições a partir da pedagogia histórico-crítica**”, de autoria de **Emily Marcella de Cubas Bueno**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo **Prof. Dr. Efrain Maciel e Silva - orientador FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. Hugo Leonardo Fonseca da Silva - FEFD/UFG** e **Prof. Dr. Roberto Pereira Furtado - FEFD/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **10,0 (dez)**, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Efrain Maciel E Silva, Professor do Magistério Superior**, em 17/02/2023, às 17:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberto Pereira Furtado, Professor do Magistério Superior**, em 23/02/2023, às 18:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Hugo Leonardo Fonseca Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 24/02/2023, às 16:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3500163** e o código CRC **7732DEF5**.

Dedico este trabalho a minha avó Judith Bueno da Silva (*in memoriam*). Uma mulher sábia, guerreira e amável. Ela que sempre valorizou meus estudos e torceu pelo meu sucesso.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me permitido chegar até aqui e concretizar este sonho.

À minha mãe, Suelene Cubas por todo incentivo não somente durante esses anos da graduação, mas durante toda a minha vida escolar, que mesmo sendo difícil em alguns momentos, sempre investiu nos meus estudos.

Ao meu pai, Marcelo Bueno por acreditar no meu potencial e apoiar minhas escolhas.

À minha irmã, Ester, que eu tanto amo, por ser minha maior inspiração para seguir em frente e me tornar uma pessoa melhor a cada dia.

Ao meu orientador, professor Efrain Maciel e Silva pelos ensinamentos que contribuíram significativamente para minha formação e que vou levar para toda vida. Obrigada por conduzir essa orientação com tanta competência e compromisso. Foi um privilégio ter sido sua orientanda.

Ao meu namorado e colega de turma Oscar Filho. Obrigada pelo apoio durante esses anos de faculdade, por ter vivenciado essa fase comigo e principalmente por ter me trazido calma nos momentos de tensão ao longo dessa escrita.

Aos meus familiares que torceram pelos meus estudos, em especial a minha tia Daniele Bueno que é um exemplo de ser humano e profissional. Sei que torceu muito por esse momento assim como eu. Obrigada por tudo.

À Patrícia, minha querida professora de redação que lá no início me emprestou livros que foram essenciais para os meus estudos durante a graduação.

Aos meus amigos, colegas de faculdade pela parceria e pela convivência durante esses anos que vão ficar pra sempre na memória.

À professora Luana Zanotto pela indicação dos artigos sobre a Educação Física Infantil.

À banca composta pelos professores: Hugo Leonardo Fonseca da Silva e Roberto Pereira Furtado. Agradeço pelas contribuições nesta pesquisa e por enriquecer meu trabalho.

A todos os professores que contribuíram em minha trajetória acadêmica tornando esse momento possível.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho foi analisar a função da Educação Física escolar a partir da pedagogia histórico-crítica. Por mais que o tema venha sendo discutido amplamente nas últimas décadas, ainda assim poucos estudos se dão a partir de fundamentos da pedagogia histórico-crítica e como a disciplina de Educação Física na escola ainda continua sendo desvalorizada e ficando em segundo plano no processo de ensino, o aprofundamento dos estudos a partir de uma teoria crítica pode contribuir com este debate. O estudo desse tema proporciona ampliar a todos os sujeitos, inclusive os próprios professores de Educação Física, a compreensão sobre a especificidade da Educação Física e sua função social a partir de uma teoria pedagógica crítica que justifica o ensino desse saber na escola. Esta pesquisa foi um estudo teórico de cunho bibliográfico, para as fontes selecionamos artigos que apresentam dados empíricos que evidenciam a descaracterização dessa disciplina. Discutimos esses dados já coletados e justificamos a existência da Educação Física na escola a partir da pedagogia histórico-crítica, pelo fato dessa teoria trazer uma justificativa histórico-social mais concreta, delineando com clareza a função social da Educação Física escolar, ainda que seja uma teoria pouco difundida na escola. Ao longo da pesquisa identificamos alguns fatores que descaracterizam a Educação Física na escola, como a estruturação do sistema educacional brasileiro que é voltado as avaliações, a compreensão limitada que outros professores, pais, direção da escola etc possuem sobre o papel dessa disciplina e principalmente uma descaracterização que parte dos próprios professores de Educação Física na medida que não abordam os conteúdos da maneira que deveriam ser abordados. Isso mostra que o professor não conhece a especificidade do seu conteúdo e sua função na escola. Concluímos ser necessário que mais pesquisas abordem sobre o tema para que a Educação Física possa ser compreendida e justificada na escola a partir de sua especificidade, que é a transmissão intencional da cultura corporal, uma vez que se a Educação Física não cumprir sua função este conhecimento, em suas formas mais desenvolvidas, pode deixar de ser apreendido por todos os seres humanos.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar; pedagogia histórico-crítica; ensino.

## ABSTRACT

The objective of this work was to analyze the role of Physical Education in schools based on historical-critical pedagogy. As much as the topic has been widely discussed in recent decades, still few studies are based on the foundations of historical-critical pedagogy and how the discipline of Physical Education in school is still being devalued and being left in the background in the teaching process, deepening studies based on a critical theory can contribute to this debate. The study of this theme provides all subjects, including Physical Education teachers themselves, with an understanding of the specificity of Physical Education and its social function based on a critical pedagogical theory that justifies the teaching of this knowledge at school. This research was a theoretical study of a bibliographic nature, for the sources we selected articles that present empirical data that show the mischaracterization of this discipline. We discuss these already collected data and justify the existence of Physical Education at school based on historical-critical pedagogy, because this theory brings a more concrete historical-social justification, clearly outlining the social function of Physical Education at school, even if it is a theory little spread in school. Throughout the research, we identified some factors that mischaracterize Physical Education at school, such as the structure of the Brazilian educational system, which is focused on assessments, the limited understanding that other teachers, parents, school management, etc. mischaracterization that comes from the Physical Education teachers themselves as they do not approach the contents in the way they should be approached. This shows that the teacher does not know the specificity of its content and its role in the school. We conclude that more research is needed to address the subject so that Physical Education can be understood and justified at school based on its specificity, which is the intentional transmission of body culture, since if Physical Education does not fulfill its function, this knowledge, in its more developed forms, may fail to be apprehended by all human beings.

**Keywords:** School Physical Education; historical-critical pedagogy; teaching.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Justificativa.....	11
1.2 Objetivo .....	12
1.3 Procedimentos metodológicos .....	12
2. A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR A PARTIR DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA .....	15
3. A DESVALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA .....	26
4. EM DEFESA DA ESPECIFICIDADE DO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA .....	35
5. CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS .....	46

## 1. INTRODUÇÃO

Há muito tempo a Educação Física na escola vem perdendo espaço sistematicamente e seu conteúdo e especificidade sendo desvalorizado, muitas vezes é vista como uma disciplina que não possui tanta relevância se comparado a outras, como Português e Matemática.

Ao longo da história as aulas semanais diminuíram de três para duas e em muitos casos para apenas uma e os motivos e justificativas para esta diminuição são diversos, como por exemplo que o conteúdo não é tão cobrado no vestibular. Essa ideia tende a provocar a dispensa das aulas de Educação Física não somente no ensino médio, mas também no ensino fundamental. Apesar dessa etapa ainda compreender a importância dessa disciplina no desenvolvimento da criança, nota-se que o número de aulas tem diminuído se comparado a alguns anos atrás, mas mesmo quando eram três aulas semanais a defesa não era pelo conteúdo, mas, principalmente proveniente da concepção de aptidão física que defendia a prática de atividades físicas distribuídas em três dias alternados.

Existem outras questões que também evidenciam a evasão nas aulas de Educação Física muitas vezes motivadas pelo interesse por parte dos próprios alunos. No ensino fundamental a participação dos alunos é significativamente maior do que no ensino médio uma vez que nessa etapa os alunos possuem outros interesses próprios da adolescência, como namorar, a preocupação em manter uma boa aparência e o receio de sujar/suar durante as aulas surgem nesse período, resultando em um menor envolvimento deles durante as aulas. Por isso muitas vezes a participação dos alunos durante as aulas depende significativamente do estímulo que o professor oferece, ou seja, da motivação que o próprio professor proporciona aos alunos para um maior envolvimento da turma nas atividades.

Outra diferença está no conteúdo, tendo em vista que a organização do ensino médio se concentra no vestibular. Evidenciando dessa forma uma tendência de educação tecnicista, na qual o objetivo maior é fazer com que o aluno aprenda o máximo de conteúdo possível e consiga passar no vestibular. Neste caminho a Educação Física acaba sendo secundarizada, pelo fato de não ser tão cobrada nesses exames<sup>1</sup>.

No caso da educação infantil temos uma outra questão. Nessa etapa, é muito comum que a Educação Física seja entendida como recreação, geralmente as atividades desenvolvidas se baseiam no espontaneísmo, onde a criança fica livre para brincar e descobrir novos

---

<sup>1</sup> Atualmente o conteúdo da Educação Física está inserido no Enem na área de linguagens códigos e suas tecnologias. No entanto, por mais que o conteúdo já esteja presente nesse exame, ainda assim essa disciplina continua sendo desvalorizada.

movimentos corporais. Em outros casos, quando influenciado por teorias pedagógicas que tem como fundamento a psicomotricidade por exemplo, essa concepção de recreação também se faz presente no campo da Educação Física, mas não é somente a psicomotricidade, também há outras teorias fundamentadas a partir da concepção de atividade física e saúde que defendem a importância da Educação Física para a promoção de saúde, além de outras concepções que não iremos abordar neste trabalho.

Nesse sentido, temos o seguinte cenário: uma concepção de Educação Física logo nos primeiros anos escolares baseada na recreação, onde as atividades geralmente não são desenvolvidas por professores de Educação Física. No ensino fundamental, temos o reconhecimento da importância da Educação Física no processo de desenvolvimento do aluno, porém nota-se ao longo do tempo uma tendência de diminuição das aulas. E por fim, temos no ensino médio, uma diminuição das aulas ainda mais acentuada ou em alguns casos até mesmo extintas, visto que essa não é uma disciplina que os vestibulares demandam. Ou seja, a forma com que a Educação Física é tratada durante as etapas da educação básica, colocam em dúvida a sua necessidade e especificidade dentro da escola.

Tendo em vista essas questões, é importante ressaltar que a função social da educação consiste em uma produção do saber sistematizado. O ensino pode acontecer em diversas instâncias como por exemplo em casa, na igreja, nos espaços de lazer entre outros ambientes sociais. Entretanto, é somente através da escola que se dá o acesso ao saber sistematizado, ao saber que se diferencia do senso comum, o saber científico. Segundo, Saviani (2011, p. 14): “É a exigência de apropriação do conhecimento sistematizado por parte das novas gerações que torna necessária a existência da escola”. Portanto, pode-se dizer que a função da educação consiste em humanizar e formar os indivíduos enquanto seres humanos. Não obstante, configura-se como papel da escola contribuir nessa formação proporcionando aos indivíduos o acesso ao conhecimento científico.

A Educação Física, assim como qualquer outra disciplina, configura-se como um componente fundamental para a formação integral do indivíduo. Uma vez que a apropriação de seus conteúdos se faz necessário para o desenvolvimento humano. O ensino dessa disciplina na perspectiva da cultura corporal:

Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de

realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (SOARES, *et al*, 1992, p. 26).

A especificidade da Educação Física está em seu conteúdo, representado pela cultura corporal, tendo, portanto, um conteúdo que lhe é próprio, assim como as demais disciplinas, como português, matemática, geografia, entre outras que também possuem a sua especificidade. O ensino da Educação Física na escola a partir da reflexão da cultura corporal deve seguir no sentido de proporcionar aos indivíduos a apropriação das formas de representações produzidas ao longo dos anos pela humanidade como os jogos, a dança, os esportes, a ginástica entre outras expressões corporais. Buscando levar o entendimento de que todo esse acervo de manifestações e movimentos não surgiram por acaso, mas se constituem como produtos da história humana.

A aprendizagem desse conteúdo pode acontecer em diversos ambientes do cotidiano, como em praças, na rua, ou em qualquer outro local de socialização. Contudo, há uma grande diferença da forma com que esse conteúdo é tratado nesses ambientes e no ambiente escolar. Afinal, o ensino desse componente na escola proporciona ao aluno o acesso à cultura corporal em suas formas mais desenvolvidas, formas estas que o cotidiano não é capaz de oferecer, tendo em vista que esses espaços são caracterizados fundamentalmente por conhecimentos do senso comum e não do conhecimento científico. Segundo Saviani (2011, p. 14) “[...] a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado”.

Por isso, a escola é a instituição que deve promover o ensino sistematizado da Educação Física, garantindo uma formação qualificada, que contribua para o desenvolvimento integral do indivíduo. E é justamente esse fato que deveria justificar a existência desse componente no currículo escolar. No entanto, nem sempre é o que acontece quando se vai justificar a importância da Educação Física na escola.

Mesmo que a função da Educação Física e a sua relevância no processo de ensino seja um conhecimento disponível, a descaracterização dessa disciplina e de seu conteúdo ainda é uma realidade, não só nas escolas, mas também na sociedade em geral. Por isso, entendemos que este ainda é um problema que demanda atenção e aprofundamento e neste trabalho fazemos uma discussão sobre o tema.

## **1.1 Justificativa**

O interesse em pesquisar sobre esse tema surgiu a partir de debates feito pelo professor durante algumas aulas sobre a Educação Física na escola. A forma com que esse tema foi

debatido provocou o interesse em aprender de forma mais aprofundada essa questão. Inicialmente, trouxe para as reuniões de orientação a preocupação em compreender a importância da Educação Física na escola. Durante as discussões, o professor apresentou diversos caminhos para estudar e possivelmente justificar essa disciplina no contexto escolar. O caminho escolhido foi o de me apropriar de uma teoria pedagógica que conseguisse justificar de forma efetiva a existência da Educação Física na escola. Nesse sentido, a pedagogia histórico-crítica despertou-me maior interesse, pois caracterizou-se como o referencial teórico mais adequado para desenvolver esta pesquisa.

Com o estudo e as discussões das fontes nas reuniões de orientação, pude me apropriar teoricamente sobre essa temática e compreender de forma mais aprofundada a função da Educação Física na escola. Vale ressaltar que, para além de meu interesse pessoal no tema, é fundamental que qualquer professor conheça a especificidade da Educação Física e saiba seu papel na escola.

Apesar da importância da Educação Física na escola ser um tema discutido há muito tempo, ainda se faz necessário pesquisas que abordem sobre a especificidade dessa disciplina e a sua função na escola. Isso porque, ainda nos dias de hoje, nota-se que esse componente continua sendo desvalorizado e não é trabalhado da forma como deveria ser no âmbito escolar.

O estudo desse tema proporciona ampliar a todos a compreensão sobre a especificidade da Educação Física a partir de uma teoria pedagógica crítica que justifica o ensino desse saber na escola. Trazendo assim uma contribuição efetiva ao trabalho dos professores na medida e que possibilita uma melhor compreensão sobre os elementos que constituem o conteúdo próprio da Educação Física escolar.

## **1.2 Objetivo**

Analisar a função da educação física escolar a partir da pedagogia histórico-crítica.

## **1.3 Procedimentos metodológicos**

Essa pesquisa se caracteriza como um estudo teórico de cunho bibliográfico. O interesse inicial em pesquisar esse tema surgiu ao longo das explicações feitas pelo professor durante aulas na graduação. Ao manifestar a intenção de orientação, iniciamos as discussões e delineamos os caminhos para o estudo do tema. Após definir a perspectiva teórica que sustentaria a pesquisa foi preciso me apropriar de alguns fundamentos da pedagogia histórico-crítica para

compreender e justificar a Educação Física na escola. Para isso, foram necessárias leituras sobre o tema, fichamento de artigos e reuniões para discussão dos textos.

Por ser um tema amplamente discutido em diversas pesquisas, optamos por desenvolver o estudo teórico sobre essa questão, entendendo não ser necessário coletar os dados uma vez que esses dados já estão disponíveis em outras pesquisas. No entanto, mesmo depois de tantos estudos, a Educação Física escolar continua sendo tratada de maneira limitada e muitas vezes equivocada. Nesse sentido, decidimos discutir esses dados e evidenciar a especificidade da Educação Física a partir da pedagogia histórico-crítica, pelo fato dessa teoria trazer uma justificativa histórico-social mais coerente para o ensino dessa disciplina na escola.

Este estudo não teve a intenção de trazer para a discussão outras teorias pedagógicas. Primeiro pela questão do tempo limitado da pesquisa, uma vez que não seria possível a apropriação de todas as teorias pedagógicas de forma aprofundada que possibilitasse uma comparação entre as mesmas. Assim optamos pela apropriação de uma teoria pedagógica.

Dentre as teorias pedagógicas, a pedagogia histórico-crítica foi escolhida como referencial teórico pelo fato dessa ainda não ser uma teoria amplamente difundida na escola, mesmo trazendo uma sólida justificativa da necessidade de transmissão dos conteúdos específicos da Educação Física. De acordo com Silva (2013) menos de 1% das discussões feitas nos principais periódicos da área sobre Educação Física escolar, se baseiam na pedagogia histórico-crítica, o que nos dá um importante elemento da necessidade de aprofundamento dos estudos desta perspectiva.

Para entender a função da Educação Física na escola foi necessário se apropriar de estudos já realizados que trazem dados empíricos sobre a descaracterização dessa disciplina. Essas pesquisas trouxeram tanto a questão da visão da direção, dos professores, dos alunos, dos pais e dos próprios professores de Educação Física sobre o ensino desse componente.

Para se apropriar destes dados foram selecionadas pesquisas, realizadas por outros autores, sobre a forma com que a Educação Física é tratada que evidenciam a sua desvalorização. O primeiro artigo analisado foi "*Valoração da Educação Física: da produção acadêmica ao reconhecimento individual e social*" de Macedo e Antunes (1999), que tem como principal objetivo identificar o quantitativo de produções bibliográficas dos últimos cinco anos que defenderam a importância da Educação Física, além de coletar depoimentos de sujeitos como diretores, pais, alunos e comunidade em geral sobre suas visões a respeito da disciplina.

O segundo artigo analisado foi "*A formação de professores da Educação Física escolar infantil no Brasil*" de Longo e Xavier (2017) que faz uma discussão sobre como se dá a formação de estudantes de Pedagogia e de Educação Física para atuação na Educação Infantil. Já o artigo

“*As dificuldades pedagógicas em diversas fases da carreira de professores de Educação Física na Educação Básica*” de Krug *et al* (2019) faz a análise da percepção de professores da rede pública de ensino do estado do Rio Grande do Sul acerca das dificuldades pedagógicas encontradas na escola. Também analisamos a monografia “*A motivação das aulas de Educação Física para estudantes do Ensino Médio*” de Paludo (2015) que tem como objetivo compreender os fatores que motivam ou não os alunos a participarem das aulas de Educação Física.

Após o estudo e discussão dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica e da apropriação dos dados trazidos pelas fontes acima foi desenvolvida a análise e discussão dos dados. O que resultou na divisão de três capítulos, divididos da seguinte forma:

No capítulo um foi abordado a função social da Educação e a especificidade da escola a partir da pedagogia histórico-crítica. Compreendendo que os seres humanos se desenvolvem a partir das relações sociais. Desde a sua origem o ser humano é submetido ao processo educativo, que se dá a partir da transmissão das produções humanas, das ideias, dos valores e dos hábitos. Ou seja, a partir das relações sociais construídas no dia a dia.

Contudo, ressaltamos que o cotidiano impõe limites nesse processo de desenvolvimento, ainda mais em uma sociedade capitalista onde a alienação e a divisão social do trabalho são determinações onipresentes neste cotidiano. E é justamente nesse ponto que se expressa a especificidade da escola, uma vez que a transmissão do saber nessa instituição acontece de maneira sistematizada, organizada e intencional. Possibilitando dessa forma, uma aprendizagem mais desenvolvida, que vai além do conhecimento adquirido no cotidiano.

No capítulo dois foi discutido a desvalorização da Educação Física na escola, abordando a constante diminuição das aulas, a secundarização desse conteúdo, o questionamento de sua relevância e a perspectiva de sujeitos como, diretores, pais, alunos e professores acerca do ensino desse conteúdo. Para exemplificar esses fatos, foram analisados os dados das pesquisas de Macedo e Antunes (1999), Longo e Xavier (2017), Krug *et al* (2019) e Paludo (2015) que revelam os principais fatores dessa descaracterização.

No capítulo três nos detivemos na discussão da necessidade do ensino da Educação Física na escola, que se justifica a partir da especificidade de seu conteúdo que lhe é próprio, pois assim como qualquer outra área de conhecimento o ensino desse conhecimento se caracteriza como essencial para o desenvolvimento dos seres humanos.

A função da Educação Física na escola foi justificada nessa pesquisa a partir de alguns dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica e de sua especificidade de transmitir a cultura corporal como conteúdo próprio da Educação Física, tal como proposto pelo Coletivo de Autores na metodologia crítico-superadora.

## **2. A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR A PARTIR DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA**

Os seres humanos possuem características que lhes são próprias tendo em vista que somos capazes de antecipar nossas ações em pensamento antes de agir, diferente de outros animais que agem puramente por instinto e se adaptam a realidade em que vivem. O ser humano por sua vez, no lugar de se adaptar, transforma a realidade para suprir as suas necessidades.

Para que os homens consigam fazer história, é absolutamente necessário, em primeiro lugar, que se encontrem condições de poder viver, de poder comer, beber, vestir-se, alor-se etc. A satisfação das necessidades elementares cria necessidades novas e a criação de necessidades novas constitui o primeiro ato da história. (MARX; ENGELS, 2001, p. XXV).

As necessidades elementares configuram como as necessidades relacionadas com a sobrevivência humana, ou seja, para viver e nos mantermos vivos. Comer, beber, ter uma moradia, entre outros, constituem como elementos fundamentais na vida de um ser humano. De acordo com Marx e Engels (2001) a satisfação dessas necessidades, promovem a criação de novas necessidades que são socialmente produzidas (superiores) e também precisam ser supridas. Nesse sentido, a especificidade dos seres humanos se evidencia a partir disso, uma vez que o indivíduo está sempre realizando ações e transformações visando suprir as suas necessidades que nem sempre se limitam apenas as elementares.

Nesse caminho que a especificidade do gênero humano se evidencia, na medida em que o ser humano para além das necessidades elementares, precisa também suprir as necessidades socialmente produzidas, se constituindo, portanto, como um ser consciente e livre, que é capaz de pensar e agir para além do natural e em direção ao social. Caminhando assim para um enriquecimento humano-genérico que se diferencia do desenvolvimento de outros seres vivos.

Essas transformações humanas são realizadas de maneira intencional e não espontâneas, uma vez que são organizadas e antecipadas mentalmente afim de atingir um objetivo, podendo estar relacionado tanto a sobrevivência, quanto para o lazer ou para outra finalidade. Segundo Saviani (2011) tais transformações realizadas pelo ser humano são feitas através do trabalho e é justamente esse fato que o diferencia dos demais seres vivos, a capacidade de pensar e agir intencionalmente para transformar a natureza.

Para o autor:

[...] o trabalho instaura-se a partir do momento em que seu agente antecipa mentalmente a finalidade da ação. Conseqüentemente, o trabalho não é qualquer tipo de atividade, mas uma ação adequada a finalidades. É, pois, uma ação intencional. (SAVIANI, 2011, p. 11).

O trabalho educativo analisado pelo autor se fundamenta na categoria marxiana de trabalho, seja de forma material ou não-material. O trabalho material se relaciona com essa ideia de transformação e tudo aquilo que o ser humano é capaz de produzir materialmente, como o próprio nome já diz. Já o trabalho não-material se relaciona com aquilo que não se encaixa no campo material propriamente dito, mas sim no campo das ideias, dos valores, dos princípios. Ou seja, aquilo que faz parte da produção do saber e da cultura humana (SAVIANI, 2011).

A humanidade está sempre produzindo a sua própria história, seja a partir da transformação da natureza ou da produção de cultura, de hábitos, de valores. E esse conjunto de produções precisam ser repassados as novas gerações para que elas se apropriem de tais conhecimentos e se desenvolvam enquanto indivíduos.

Isso só é possível a partir do processo educativo, tendo em vista que o ser humano, em sua individualidade, se encontra limitado para atingir níveis mais elevados de desenvolvimento apenas com suas próprias experiências do cotidiano. Sem a mediação do saber sistematizado, o indivíduo se torna dependente do cotidiano e das aprendizagens provenientes deste meio.

[...] Está fora de questão que a experiência individual de um homem, por mais rica que seja, baste para produzir a formação de um pensamento lógico ou matemático abstrato e sistemas conceituais correspondentes. Seria preciso não uma vida, mas mil. De fato, o mesmo pensamento e o saber de uma geração formam-se a partir da apropriação dos resultados da atividade cognitiva das gerações precedentes. (LEONTIEV, 2004, p. 4).

Nesse sentido, para que o indivíduo se torne capaz de desenvolver hábitos e atitudes humanas, bem como a capacidade de desenvolver pensamentos mais elaborados (abstrato) é preciso que esse indivíduo se aproprie daquilo que já foi produzido pela humanidade, pois é a apropriação dessas produções que caracterizam o ser social.

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações

anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal. (LEONTIEV, 2004, p. 18).

Desde a sua origem, o indivíduo necessita ser estimulado para alcançar os seus níveis mais elevados de desenvolvimento uma vez que as aquisições da cultura não lhe são inatas. Para tanto, a transmissão das produções históricas da humanidade para as gerações em decurso configura como essenciais nesse processo de formação da identidade humana e que tal processo se dá, em seus níveis mais elevados, a partir da educação.

A educação é algo característico da espécie humana, tendo em vista que se insere na categoria de trabalho não-material se relacionando com as ideias e os saberes. Desde cedo o ser humano é submetido ao processo de ensino, seja para desenvolver os movimentos básicos, a fala, as atitudes no meio social, os comportamentos, a ética, entre outros exemplos. É partir desse processo, ou seja, daquilo que lhe é ensinado, que esse indivíduo se forma enquanto sujeito.

Nesse sentido, Saviani (2011, p. 7) aponta que:

[...] o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo.

O ser humano não nasce humano, mas se humaniza a partir das relações sociais e daquilo que lhe é ensinado ao longo do tempo, a partir da história e da cultura. E o desenvolvimento mais elevado dessa humanização pode se dar a partir do trabalho realizado pela escola. Já que “[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2011, p. 13).

De fato, o desenvolvimento humano pode ocorrer nos mais diversos meios sociais, como em casa, na igreja, nos locais de lazer, dentre outros. Entretanto, os conhecimentos advindos desses espaços são saberes espontâneos quase sempre fundamentados no cotidiano, por isso, é fundamental para um processo intencional de aprendizagem que se tenha um espaço e tempo definido deliberadamente ao aprendizado do saber sistematizado fundamentado nas ciências, nas artes e na filosofia.

A escola por sua vez, configura-se como instituição responsável por promover o acesso ao saber científico e não o saber do cotidiano. Esses saberes do dia a dia não interessam a escola

justamente pelo fato de que podem ser aprendidos espontaneamente em diversos espaços não-escolares, a partir de experiências sociais ou até mesmo de crenças pessoais.

[...] os conteúdos escolares identificam-se com os conteúdos universais, representativos das máximas conquistas culturais e, sobretudo, científicas, já alcançadas pela humanidade, na ausência das quais a captação das leis que regem o desenvolvimento histórico de todos os fenômenos se torna impossível [...] (MARTINS, 2013, p. 140).

O conteúdo abordado na escola compõe, além das manifestações culturais, aquilo que de mais rico cientificamente a humanidade conquistou ao longo dos anos. Portanto, o conhecimento veiculado nesse espaço configura como essencial para o desenvolvimento de todo os sujeitos. Na “[...] sociedade atual, pode-se perceber que já não é possível compreender a educação sem a escola, porque a escola é a forma dominante e principal de educação [...]” (SAVIANI, 2011, p. 88). Assim, podemos perceber a especificidade da escola e a importância do trabalho educativo realizado por essa instituição para o desenvolvimento da humanidade de uma maneira geral.

O trabalho educativo realizado pela escola se diferencia do aprendizado cotidiano na medida em que configura-se como um ensino organizado que tem por objetivo proporcionar, de maneira intencional, a socialização do saber sistematizado. Além disso, possui o papel de garantir aos indivíduos a apropriação do conjunto de manifestações e produções acumuladas ao longo da história pela humanidade. Vale ressaltar que as novas gerações são determinadas a partir das relações construídas historicamente pelas gerações anteriores.

[...] a nova geração, por sua vez, impõe-se a tarefa de desenvolver e transformar as relações herdadas das gerações anteriores. Nesse sentido, ela é determinada pelas gerações anteriores e depende delas [...]. À educação, na medida em que é uma mediação no seio da prática social global, cabe possibilitar que as novas gerações incorporem os elementos herdados de modo que se tornem agentes ativos no processo de desenvolvimento e transformação das relações sociais [...] (SAVIANI, 2011, p. 121).

Além da apropriação das produções e relações sociais construídas pelas gerações anteriores, é preciso ainda que as novas gerações compreendam também o seu papel enquanto produtores e agentes transformadores dessa cultura. Identificando assim, a sua importância enquanto indivíduo social, na produção, transformação e manutenção das relações sociais.

Para que isso ocorra é necessário que a transmissão desses elementos ou conhecimentos sejam disponibilizadas aos sujeitos de maneira adequada.

[...] o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 2011, p. 13).

A instituição escolar tem a tarefa de organizar e possibilitar os melhores meios para que os indivíduos possam se desenvolver, se complexificar e se humanizar enquanto seres humanos. Por isso, não basta apenas oferecer o saber sistematizado é preciso ainda desenvolver as melhores condições de ensino-aprendizagem de acordo com as particularidades de cada sujeito. Afinal, o modo com que o conteúdo é transmitido ao aluno interfere em seu processo de ensino. “Vê-se, assim, que para existir escola não basta a existência do saber sistematizado. É necessário viabilizar as condições de sua transmissão e assimilação” (SAVIANI, 2011, p. 17).

O trabalho pedagógico deve ser organizado a fim de garantir a assimilação do conteúdo por parte do aluno, contribuindo dessa forma em seu desenvolvimento integral. Para isso, é preciso que haja uma transformação do saber sistematizado em saber escolar. Essa transformação é:

[...] o processo por meio do qual se selecionam, do conjunto do saber sistematizado, os elementos relevantes para o crescimento intelectual dos alunos e organizam-se esses elementos numa forma, numa sequência tal que possibilite a sua assimilação [...] (SAVIANI, 2011, p. 65).

Portanto, é importante que se tenha uma seleção daquilo que configura como essencial dentro do conjunto do saber elaborado para o ensino desses conhecimentos no contexto escolar. A forma com que o conteúdo será transmitido aos alunos, ou seja, o método de ensino, constitui como um dos elementos fundamentais no processo educativo.

Além disso, Saviani (2011), destaca outros elementos também relevantes nesse processo, dentre eles a distinção do essencial e do secundário e a importância de trabalhar os conteúdos de maneira gradativa. Se tratando desse primeiro elemento, o autor esclarece que o clássico “[...] não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial” (SAVIANI, 2011, p. 13).

Desse modo, deve-se trabalhar os conteúdos na escola a partir da seleção dos clássicos, ou seja, dos conteúdos que se fundamentam como primordiais para o processo de ensino-aprendizagem do aluno e não aqueles que se caracterizam como secundários.

O segundo elemento, de uma maneira geral, diz respeito a organização do trabalho pedagógico, tendo em vista que para um ensino qualificado, para além da seleção do conteúdo, é preciso identificar as melhores formas de transmissão do mesmo, levando em consideração o tempo, o espaço e as particularidades de cada indivíduo.

Nesse sentido, configura-se como papel do professor organizar o seu trabalho a partir dessas questões. Saber selecionar os conteúdos que se caracterizam como clássicos para o ensino, delimitar os procedimentos necessários para atingir esse objetivo, saber trabalhar os conteúdos de maneira gradativa, entre outros aspectos. Pode-se dizer que esse último se trata da sequência de abordagem dos conteúdos, partindo daquilo que ainda não foi compreendido para avançar em direção a sua compreensão, ou seja, do mais simples para o complexo, visando dessa forma, facilitar a assimilação.

Todas essas questões que envolvem a organização das atividades escolares e o funcionamento da escola propriamente dito, fazem parte daquilo que Saviani define como currículo. De acordo com o autor, currículo é a “[...] organização do conjunto de atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolares. Um currículo é, pois, uma escola funcionando, quer dizer, uma escola desempenhando a função que lhe é própria” (SAVIANI, 2011, p.17).

Por isso, a organização do conjunto de atividades nucleares que se desenvolvem dentro do espaço escolar são consideradas currículo. São, pois, as atividades que caracterizam o trabalho escolar, que se firmam como fundamental e não como acessórios. Nesse sentido, aquelas atividades consideradas extracurriculares, como as festas, comemorações, confraternizações e demais eventos, não devem ser compreendidas como essenciais na organização do currículo, mas sim como atividades secundárias que possivelmente podem contribuir nas atividades curriculares, pois essas atividades “[...] são extracurriculares é só tem sentido se puderem enriquecer as atividades curriculares da própria escola [...]” (SAVIANI, 2011, p.15). Portanto, não devem ser o foco da organização do currículo, dando primazia a função social da escola, que é, a partir do trabalho pedagógico, transmitir os conhecimentos sistematizados em suas formas mais desenvolvidas.

O conhecimento característico da escola é o conhecimento científico, artísticos e filosófico, compreendendo aquilo que de mais elaborado a humanidade produziu ao longo da história. Nesse sentido, a função social dessa instituição é garantir com que os indivíduos

tenham acesso a esses saberes em suas formas mais desenvolvidas, uma vez que estes não constituem como naturais aos seres humanos e não estão imediatamente disponíveis no cotidiano, ou seja, os indivíduos não nascem sabendo dos números, das palavras, dos conceitos, da ética, das formas de comportamento entre outros aspectos. Esses elementos precisam ser apreendidos e por isso configuram-se como conhecimentos adquiridos através de um processo educativo e não por um processo espontâneo ou natural. Segundo Saviani (2011, p. 19) "[...] trata-se de uma habilidade adquirida e, frise-se, não de modo espontâneo. A essa habilidade só se pode chegar por um processo deliberado e sistemático [...]".

A escola, por meio de um processo intencional e sistematizado, deve contribuir na formação dos indivíduos proporcionando-lhes o conhecimento elaborado e não o conhecimento que se adquire em outros espaços do cotidiano. Afinal, a superação dialética desses saberes constitui como uns dos objetivos do aprendizado escolar.

[...] o percurso que avança do pensamento sincrético ao pensamento abstrato não resulta de determinantes naturalmente disponibilizados pela herança biológica nem por critérios cronológicos, mas da qualidade das mediações que ancoram a relação sujeito-objeto, da natureza dos vínculos entre o indivíduo e suas condições de vida e de educação [...] (MARTINS, 2013, p. 140).

O pensamento sincrético abordado pela autora, diz respeito ao pensamento que ainda se encontra desorganizado, no qual o indivíduo ainda não possui a capacidade de formar síntese e conceitos mais elaborados. Enquanto que o pensamento abstrato ou sintético diz respeito ao oposto, ou seja, um pensamento elaborado, organizado, que possui um fundamento.

Nesse sentido, pode-se dizer que o pensamento sincrético se relaciona com o saber do cotidiano. Todavia, a superação desse pensamento pelo pensamento sintético, depende de vários fatores que estão ligados com as condições de cada sujeito, dentre elas, as condições de educação. Isso porque a qualidade das mediações, ou seja, as condições de ensino que são disponibilizadas ao aluno interferem significativamente no processo de ensino-aprendizagem e consequentemente na superação do pensamento sincrético para o pensamento sintético.

Por esse motivo que o professor deve sempre direcionar o trabalho pedagógico visando alcançar o aluno concreto e não o aluno empírico.

Daí a grande importância de distinguir, na compreensão dos interesses dos alunos, entre o aluno empírico e o aluno concreto, firmando-se o princípio de que o atendimento aos interesses dos alunos deve corresponder sempre aos interesses do aluno concreto. O aluno empírico pode querer determinadas coisas, pode ter interesses que não necessariamente correspondem aos seus interesses, enquanto aluno concreto. (SAVIANI, 2011, p. 121).

Nesse caso, empírico, seria aquele aluno imediato, que está em contato direto com o professor. Enquanto que aluno concreto configura-se como o aluno que deve ser alcançado através do processo de ensino. Dessa forma, podemos relacionar o aluno empírico com aquele sujeito que ainda se encontra no processo de superação do pensamento sincrético para o pensamento sintético, uma vez que, a condição de liberdade ainda não foi atingida nesse momento.

Podemos citar como exemplo dessa condição de liberdade um jogo de basquete. Neste esporte é preciso que o praticante domine o quique da bola com as mãos e se desloque sem olhar para a bola, pois o objetivo do jogo é fazer a cesta e não olhar para a bola. Entretanto é muito comum que os jogadores iniciantes, ou aqueles que ainda tem pouca afinidade com a prática, não tenham esse domínio, ou seja, não conseguem quicar a bola, se deslocar e fazer a leitura de jogo ao mesmo tempo e geralmente realizam o quique apenas olhando para a bola. Isso acontece porque esse jogador ainda não atingiu a condição de liberdade, ou seja, ele ainda não se apropriou dos elementos culturais e dos movimentos básicos do jogo, portanto ainda não é livre para quicar sem olhar para a bola. Dessa forma, ele só conseguirá quicar a bola de forma livre e poder se desenvolver no jogo após ter superado as necessidades inicialmente impostas.

A ideia de objetivar o aluno concreto no processo de ensino, traz à tona o fato de que o professor não deve considerar nesse processo os interesses imediatos de cada aluno, mas sim os interesses do aluno concreto, ou seja, os conhecimentos transmitidos não devem se basear a partir as escolhas dos próprios alunos. De acordo com Saviani (2011) o aluno empírico nem sempre fará escolhas que correspondem ao seu interesse enquanto aluno concreto, da mesma forma que o aluno concreto corresponde a determinados interesses que ele mesmo não escolheu.

O conceito de liberdade se relaciona com a escolha intencional entre alternativas. Nesse sentido, sabe-se que a escolha do aluno empírico é limitada por desconhecer as alternativas e, portanto, esse sujeito ainda não tem condição de escolha livre e consciente. Dessa forma, para atingir a condição de liberdade e superar as necessidades iniciais é preciso primeiramente conhecer as alternativas. Por esse motivo é preciso mediação para disponibilizar ao aluno empírico o conhecimento e produzir necessidades a partir do aluno concreto.

A necessidade de apropriação do conhecimento elaborado não nega a existência do conhecimento cotidiano e sua relevância. Pelo contrário, trabalha com a superação dialética deste conhecimento, compreendo que a formação do indivíduo tem seu início a partir dos saberes, vivências e experiências da vida cotidiana. No qual o sujeito precisa apreender a sobreviver, a se relacionar no meio em que vive, a se comunicar, a seguir determinadas regras

de conduta social, entre outros fatores que se constituem como elementos essenciais para a vida humana (necessidades elementares) e que estão inseridos na realidade do cotidiano.

Sem a apropriação dessas objetivações seria impossível a sua existência e convivência em qualquer sociedade humana, independentemente do nível de desenvolvimento dessa mesma sociedade. Na verdade, seria inviável a existência do indivíduo como ser humano [...] a vida cotidiana é composta pelo conjunto das atividades voltadas para a reprodução da existência do indivíduo e a vida não-cotidiana é composta por aquelas atividades voltadas para a reprodução da sociedade. Assim, a cotidianidade consiste no espaço de satisfação das necessidades essenciais do indivíduo e, portanto, as atividades cotidianas são basicamente determinadas por motivações de caráter particular. Por sua vez, as atividades não-cotidianas são determinadas por motivações genéricas, isto é, que aludem à universalidade do gênero humano, a qual também não pode ser considerada um dado natural já existente no início da história humana, devendo ser vista como um dos resultados possíveis do processo. (ROSSLER, 2004, p. 103).

Essas apropriações dos conhecimentos elementares humanos constituem como essenciais para a vida e reprodução do próprio indivíduo. São esses elementos que caracterizam o sujeito e que viabilizam a sua existência em meio à sociedade. Sem o domínio desses elementos que se inserem na cotidianidade, o indivíduo não seria capaz de se constituir enquanto humano e nem mesmo se desenvolver em níveis mais elevados. Além disso, algumas formas de pensamento, sentimento e ações são estruturadas a partir do processo de formação do ser humano ao longo de sua vida cotidiana, estruturando dessa forma, aquilo que é chamado por Leontiev (2004) de psiquismo cotidiano.

O termo não-cotidiano tratado por Heller (1989 *apud* ROSSLER, 2004) diz respeito aos aspectos relacionados com as necessidades humanas superiores, onde se situa o saber elaborado, a ciência, a arte e a filosofia. Estas não se relacionam com as necessidades individuais em si, mas sim com as necessidades humanas de uma maneira geral, mais complexas e necessárias para o desenvolvimento superior do gênero humano.

[...] a existência das objetivações genéricas que compõem as esferas não-cotidianas da vida social indica o grau máximo de desenvolvimento alcançado pela humanidade, num dado momento histórico, ou seja, apontam para o que há de mais desenvolvido numa dada sociedade, em termos de suas produções socioculturais. Neste sentido, constituem-se naquilo que define o grau máximo que pode alcançar o desenvolvimento dos indivíduos naquela sociedade. (ROSSLER, 2004, p. 103).

Nesse sentido, existem duas esferas que contribuem na formação do ser humano, uma atrelada aos conhecimentos da vida cotidiana que se fundamentam como essenciais nesse

processo e a outra atrelada aos conhecimentos elaborados, ou seja, aquilo que de mais rico a humanidade produziu ao longo da sua existência e que se constituem como fundamentais para o enriquecimento humano-genérico. E de acordo com Leontiev (2004) esse processo sempre se dá a partir da mediação de outros indivíduos, constituindo, pois, um processo educativo.

O desenvolvimento das necessidades superiores torna-se possível a partir da superação dialética das necessidades elementares. Entretanto, esse movimento nem sempre configura-se como um fator limitante para outro. Por exemplo, se um aluno ainda não possui a capacidade de chutar uma bola em determinada direção, provavelmente ele ainda não superou algumas necessidades elementares (nesse caso de chutar) e assim o desenvolvimento das necessidades superiores, que permita que ele compreenda as complexidades do futebol, ainda não foi alcançado. Contudo, esse fato não impede que esse aluno jogue o jogo de futebol e experimente a vivência dessa prática.

Além disso, para desenvolver uma necessidade superior é preciso também conhecer o elemento que pretende-se superar, em outras palavras, aquilo que ainda é desconhecido não gera a necessidade de ser superado. Por exemplo, se um estudante não conhece os elementos que compõe a cultura corporal (esportes, lutas, dança, jogos, entre outros), porque durante toda a sua vida escolar apenas lhe foi oferecido um momento livre ou de recreação durante as aulas de Educação Física, provavelmente esse aluno não irá despertar interesse em conhecer tais práticas. Por isso, é necessário oferecer para o aluno o conhecimento e além disso produzir essa necessidade superior neste indivíduo.

Como mencionado anteriormente, o conhecimento cotidiano possui as suas objetivações no processo de formação do indivíduo. Entretanto, os saberes advindos da vida cotidiana carecem de algumas questões relacionadas principalmente com o desenvolvimento do pensamento crítico. Muitas vezes durante as atividades do dia a dia, não é comum que se faça uma reflexão crítica acerca da atividade que está sendo desenvolvida ou das situações que acontecem cotidianamente.

Segundo Heller (1989 *apud* ROSSLER, 2004) isso não se constituiu necessariamente como um problema, afinal a vida cotidiana não demanda mais do que isso, ou seja, para viver e desenvolver atividades básicas não é necessário que a todo momento o indivíduo se posicione de maneira crítica acerca das situações impostas. Se assim fosse seria quase impossível realizar ações básicas do dia a dia como exemplo se deslocar de um lugar para outro levando em consideração as diversas possibilidades que podem ocorrer nesse evento.

O grande problema se dá a medida em que o indivíduo se torna incapaz de romper com os pensamentos do cotidiano mesmo quando em determinadas situações há a necessidade de

superar tais pensamentos. Neste sentido, de acordo com Heller (1989 *apud* ROSSLER, 2004) temos uma situação de alienação, tendo em vista que mesmo em situações que exigem a superação do cotidiano, o indivíduo não consegue se libertar dessa forma de pensamento.

O indivíduo alienado é aquele que se alienou das esferas não-cotidianas da existência humana, estando circunscrito aos âmbitos cotidianos de sua existência particular, isto é, alienado da universalidade do gênero humano. Trata-se daquele indivíduo cujo desenvolvimento, cuja dinâmica entre os processos de apropriação e de objetivação estão restritos à esfera das objetivações materiais e simbólicas que constituem a genericidade em-si, restritos à esfera das motivações particulares e às formas do pensar, sentir e agir da vida cotidiana. (ROSSLER, 2004, p. 110).

Nesse sentido, notamos a limitação que os conhecimentos cotidianos proporcionam ao desenvolvimento do psiquismo humano superior.

[...] uma estrutura social alienada produz uma vida cotidiana alienada a qual, por sua vez, determina o esvaziamento da individualidade humana, impedindo o pleno desenvolvimento dos indivíduos, desenvolvimento esse que requer a existência de condições objetivas e subjetivas favoráveis à apropriação das esferas materiais e simbólicas mais desenvolvidas do gênero humano, com a consequente objetivação individual no interior dessas esferas. (ROSSLER, 2004, p. 110).

Vivemos em uma sociedade estruturalmente alienada e pode-se dizer que essa condição proporciona não somente uma vida cotidiana alienada, mas também impede o pleno desenvolvimento do gênero humano. Na medida em que a escola configura-se como um espaço cujo papel principal consiste na socialização do saber sistematizado, vale ressaltar que essa instituição pode contribuir para o desenvolvimento integral dos sujeitos. Tendo em vista que o conteúdo vinculado nesse local, além de se diferenciar do conteúdo do cotidiano, compreende aquilo que de mais rico a humanidade produziu ao longo do tempo, seja em questões materiais ou simbólicas e que se fundamentam como essenciais para o enriquecimento humano-genérico.

Sendo assim, o trabalho educativo realizado pela escola, deveria seguir no sentido de romper com o pensamento sincrético posto pela vida cotidiana, buscando atingir, a partir do conhecimento sistematizado, um indivíduo que supere as limitações imediatistas do conhecimento cotidiano.

A partir dessas questões, fica evidente qual deve ser a função social da escola, bem como a sua especificidade e a necessidade dessa instituição no processo de desenvolvimento e enriquecimento humano-genérico da humanidade.

### 3. A DESVALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

A Educação Física na escola sempre foi algo questionado por conta de diversos motivos, dentre o principal deles podemos citar as próprias aulas que muitas vezes são vistas por pais e até mesmo outros professores como desorganizadas e improvisadas. Vale ressaltar que de fato, observa-se em algumas situações uma conduta inadequada de professores de Educação Física que se acabam reforçando essa visão, uma vez que o conteúdo não é abordado como deveria ser.

Por outro lado, esse questionamento também acontece porque o real objetivo da aula de Educação Física não é reconhecido pela grande maioria das pessoas, ocasionando dessa forma, uma concepção equivocada sobre a disciplina. O grande problema é que essas concepções seguidas pela forma com que o conteúdo é abordado por alguns professores, não legitimam a existência da Educação Física na escola. Pelo contrário, apenas contribuem para sua desvalorização no currículo escolar.

A Educação Física tem sido historicamente desvalorizadora na escola, podemos observar isso a partir da tendência de diminuição das aulas na escola com o passar do tempo. No entanto, não observamos essa desvalorização quando se trata de outras matérias como português, matemática, entre outros conhecimentos. Pelo contrário, essas disciplinas são vistas como fundamentais para o aprendizado e formação da criança desde os anos iniciais. E por isso são determinadas como indispensáveis dentro da escola. Diante disso, surge o seguinte questionamento: por que a Educação Física não é reconhecida como fundamental na formação da criança assim como as outras disciplinas? A partir dessa questão podemos fazer algumas análises.

Existem certas concepções, pautadas no conhecimento do cotidiano, que confundem a Educação Física na escola com recreação, brincadeira, e até mesmo momento de lazer. Por esse motivo, muitas vezes acredita-se que as atividades desenvolvidas nessa disciplina podem ser realizadas em qualquer outro espaço e não necessariamente na escola, uma vez que jogar bola ou brincar de pique pega<sup>2</sup> pode ser praticado até mesmo na rua de casa. De fato, essas atividades podem ser desenvolvidas em diversos espaços, como em parques, academias, clubes e nas ruas. Entretanto, no caso do pique pega nota-se que ao longo dos anos essa brincadeira foi deixando de ser praticada pelas crianças por conta de alguns motivos, dentre eles a falta de segurança nas

---

<sup>2</sup> As brincadeiras tradicionais tem nomes diferentes em cada região/lugar, assim pique pega, também é conhecido por pega-pega, pira, trisca, picula, manja, dentre outros.

ruas, a influência das tecnologias (em especial o uso precoce dos celulares), a falta de conhecimento dessas brincadeiras tradicionais dentre outros motivos. Mas não é pelo fato delas não acontecerem mais nas ruas é que deixam de ser importantes, é justamente por isso que esse conteúdo deve ser abordado nas aulas de Educação Física, pois a escola tem o papel de socializar o saber sistematizado e claramente este é um conteúdo clássico para a Educação Física.

O pique pega está inserido no conjunto de brincadeiras tradicionais, essas brincadeiras tem sua origem a partir da história e são passadas de geração a geração. Normalmente são brincadeiras que surgiram em algum momento na sociedade e que permaneceram na cultura mesmo com o passar do tempo. Nesse sentido, como dito no capítulo 1, as brincadeiras tradicionais se configuram como um conteúdo clássico e, portanto, precisam ser ensinados na escola. Afinal, o papel dessa instituição é justamente socializar o saber sistematizado, trazendo para os estudantes aquilo que falta no cotidiano. Dessa forma, sendo um conteúdo da Educação Física, cabe a essa disciplina proporcionar aos alunos o conhecimento sobre essas brincadeiras que se fundamentaram como clássicos e que não estão mais presentes no dia a dia das crianças.

Essas concepções equivocadas sobre o papel da Educado Física na escola e a relevância dos conteúdos trabalhados, contribuem para uma tendência de diminuição das aulas na medida em que secundarizam seu conteúdo. Afinal, para muitos indivíduos, existem outras matérias que realmente são indispensáveis no currículo escolar. Enquanto que a Educação Física geralmente é tida como uma matéria irrelevante no processo de ensino. Isso acontece porque normalmente há uma visão distorcida sobre o que vem a ser esse componente e sua função na escola. Por exemplo, muitas vezes a aula de Educação Física é vista como um momento de descontração, um momento "livre" para os alunos, uma vez que as outras matérias demandam uma dedicação maior. Isso pode ser notado com mais frequência no Ensino Médio, tendo em vista que por conta dos vestibulares a tensão sobre os alunos é maior, por isso, as aulas de Educação Física acabam servindo como um momento de fuga.

Por outro lado, há também uma tendência de dispensa das aulas para que o foco seja o a aprovação nas provas de ingresso na universidade e como essa não é uma matéria que possui tanta relevância nas provas, a aula de Educação Física acaba se tornando “perda de tempo” tanto na visão de alguns pais que querem ver seus filhos nas universidades, quanto para os diretores, coordenação pedagógica e demais professores que precisam de resultados positivos, ou seja, um grande número de aprovações fazendo com que a escola seja bem vista.

Sobre essa questão, vale ressaltar que o sistema avaliativo no Brasil é caracterizado por aprovação em exames. Nesse sentido, a forma de ingresso de um estudante em uma

universidade se dá por meio de provas que tem por objetivo avaliar os conhecimentos do aluno. Na medida em que não há a cobrança de determinado conhecimento nessas provas, parece não ter muito sentido na concepção dos pais e dos diretores, estudar tal conteúdo nesse período de preparação.

Apesar de ser uma realidade na Educação, discordo dessa ideia na medida em que apresenta uma série de equívocos. Primeiro porque essa seleção não deveria ser a forma de ingresso de um estudante na universidade. Segundo porque, o fato de não ser amplamente abordado nas avaliações não justifica a ausência do conteúdo da Educação Física no processo de ensino. Afinal, mesmo que se nos limitarmos ao ensino do conhecimento próprio dessa disciplina, ela também pode contribuir nesse processo de estudo e preparação para a carreira acadêmica de uma outra forma, proporcionando disposição, menos tensão, entre outras questões que o ensino dos elementos da Cultura Corporal pode proporcionar.

Já nas etapas dos anos iniciais temos um outro desafio. Sabe-se que a Educação Física na Educação Infantil ainda é um grande obstáculo, tendo em vista que muitas vezes a participação do professor de Educação Física nesse período é quase nula. Afinal, não há evidências na legislação (BRASIL, 1996) da necessidade desse profissional nesta etapa de ensino, contudo, a Educação Física é tida como componente curricular obrigatório na Educação Básica. Portanto, na grande maioria das instituições as atividades com as crianças relativas à Educação Física são exclusivamente desenvolvidas por pedagogos.

De acordo com uma pesquisa de Longo e Xavier (2017) que buscou compreender como os graduandos de Pedagogia na cidade do Rio de Janeiro estão sendo formados para atuar nessa etapa da Educação, foi possível analisar que além de conter apenas uma disciplina na grade que tematize assuntos relacionados à Educação Física, os próprios graduandos revelaram a sua insegurança em trabalhar com esses conteúdos na Educação Infantil.

Esse fato nos faz questionar se apenas uma disciplina é capaz de dar conta de todos os elementos necessários para uma formação qualificada na área de Educação Física que permita o futuro professor pedagogo exercer um trabalho pedagógico de maneira adequada, compreendendo questões fisiológicas, motoras, cognitivas, anatômicas, socioafetivas entre outras relacionadas ao desenvolvimento da criança.

Como já mencionado, os próprios estudantes do curso revelaram a falta de segurança em lidar com os conteúdos referentes à Educação Física pela falta de conhecimento da área. Por isso, entendemos ser necessário que o professor de Educação Física atue também nessa etapa do ensino pelo fato desse conteúdo ser específico de sua área.

Geralmente as atividades relativas à Educação Física propostas nessa etapa são confundidas com recreação, muitas vezes, baseadas no espontaneísmo, possuem a finalidade de proporcionar as crianças um momento livre onde elas podem ter a oportunidade de conhecer movimentos novos. Todavia, “[...] a apropriação sistematizada das atividades sociais presentes na cultura corporal pode contribuir nesta etapa de escolarização no sentido de promover o desenvolvimento psíquico da criança” (MELO; LAVOURA; TAFFAREL, 2020, p. 122). Portanto, atividades recreativas ou espontâneas não são suficientes para proporcionar um desenvolvimento significativo acerca dos elementos da Cultura Corporal nas crianças.

A partir dessas questões podemos notar uma descaracterização da Educação Física na escola, que parte tanto dos sujeitos que fazem parte do coletivo da escola, como pais/responsáveis e demais indivíduos, quanto dos próprios sujeitos que compõe a escola como diretores, coordenadores e até mesmo professores de outras áreas e também da Educação Física.

No caso dos indivíduos em geral, ou seja, os que fazem parte do coletivo da escola, sendo eles pais/responsáveis, funcionários e demais sujeitos que se inserem na sociedade, em sua grande maioria, possuem uma concepção de Educação Física pautada no cotidiano, no conhecimento espontâneo. Indubitavelmente, não são a totalidade, mas uma parcela considerável desses sujeitos inferioriza essa disciplina justamente por se apoiarem nesse discurso do dia a dia.

Isso pode ser notado em alguns momentos, como por exemplo quando o responsável questiona o professor sobre uma nota baixa de seu filho na disciplina. Esse questionamento revela um sentimento de desprezo por parte dos pais como se não fosse possível tirar uma nota abaixo da média na matéria de Educação Física, enquanto que em outras matérias, como português e matemática isso acaba sendo normalizado. Todavia, nesse caso, o filho é quem acaba sendo questionado sobre o resultado e não o professor.

Quando nos referirmos aos sujeitos que compõe a escola, sendo eles, os diretores e coordenadores, observa-se uma outra situação, porém não muito divergente. Afinal, nota-se também em alguns casos, uma compreensão errônea sobre o que vem a ser a Educação Física e principalmente a sua função na escola. Isso porque muitas vezes os professores de Educação Física são encarregados pela direção da escola a realizar festividades na instituição. Sendo assim, acabam ficando responsáveis por ensaios de festas juninas, de apresentações, entre outras funções que por sua vez não fazem parte do conhecimento próprio da disciplina e que por isso não deveriam ser atribuídas exclusivamente ao professor de Educação Física.

Essa descaracterização pode ser notada até mesmo por próprios professores de Educação Física visto que em algumas situações a Educação Física não é exercida na escola de

forma adequada, cumprindo a sua real função social. Para exemplificar essas questões, foi feita uma seleção de pesquisas que ilustrassem essa descaracterização da Educação Física no contexto escolar. O primeiro trabalho analisado (MACEDO; ANTUNES, 1999) trata sobre a importância de valorização da Educação Física na escola na medida em que denuncia a sua desvalorização nesse contexto. O estudo também buscou reunir entrevistas com professores, alunos, diretores e professores de Educação Física, de uma escola estadual da cidade de Bauru, com o objetivo de compreender a visão desses sujeitos sobre a relevância e o papel da Educação Física na escola.

No caso das entrevistas realizadas com os professores especialistas, foi possível observar os apontamentos sobre o trabalho desenvolvido pelos professores de Educação Física bem como suas próprias perspectivas em relação ao ensino desse componente na escola. A partir dos relatos obtidos nas entrevistas infere-se que a desvalorização da Educação Física escolar, muitas vezes decorre da própria conduta profissional do professor, tendo em vista que foi observado no trabalho pedagógico desses sujeitos:

[...] a presença do comodismo, a falta de atualização e de consciência profissional [...] o que nos leva a crer que não reconhecem a grandiosidade dos conteúdos sob sua responsabilidade e, principalmente, do valor das vidas que se colocam nas suas mãos. (MACEDO; ANTUNES, 1999, p. 15).

Nesse sentido, compreende-se que nem sempre o professor de Educação Física reconhece o seu papel enquanto docente nem mesmo a relevância do ensino de seu conteúdo para a formação e desenvolvimento dos alunos. Se o próprio professor de Educação Física não sabe da importância nem tampouco explicar a necessidade de existência dessa disciplina na escola, ou seja, justificá-la no processo de ensino-aprendizagem, a luta pelo reconhecimento e valorização desse conhecimento na escola se torna ainda mais difícil.

Foi possível observar ainda neste estudo, um outro ponto de vista, expresso pelos diretores, coordenadores e professores de outras áreas. Segundo esses sujeitos, a Educação Física possui um papel importante na escola em vários aspectos, tanto físicos pelo fato de proporcionar através das atividades uma melhoria na saúde, quanto mentais já que promove o desenvolvimento cognitivo, a descontração, o trabalho coletivo, entre outros elementos. No entanto, pontuam o trabalho dos professores de Educação Física como precário e apontam a defasagem na abordagem da disciplina. Isso pode ser observado a partir de algumas declarações:

Um grupo de professores de uma mesma escola relata que o trabalho desenvolvido pelo profissional de Educação Física com quem convivem é prejudicado, pouco desenvolvido, apático e desinteressante. Três destes consideram que a Educação Física Escolar está defasada, distante da realidade dos alunos [...]. Uma professora conta que as meninas reclamam que não há atividades para elas, somente jogos para os meninos. (MACEDO; ANTUNES, 1999, p. 9).

Sendo assim, através destes relatos de professores de uma determinado escola, nota-se que o trabalho realizado pelo professor de Educação Física nessa instituição é desestimulante uma vez que não atende às as necessidades dos alunos e não promove a participação coletiva, incluindo meninos e meninas. Essa é uma realidade não somente nessa escola, mas também em outras, uma vez que um dos grandes desafios nas aulas de Educação Física é promover a participação de todos os estudantes.

Isso porque, de acordo com a abordagem de ensino e a proposta das atividades, alguns alunos preferem não se envolver na prática. Como é o caso quando o professor propõe, quase que em todas as aulas, a prática do futebol de uma maneira livre, sem fazer questão de desenvolver propostas alternativas que incluem aqueles que não tem muita afinidade com a prática. Essa forma de abordagem se torna limitante na medida em que viabiliza a participação apenas daqueles que sabem jogar o futebol, tendo em vista que não há uma intervenção por parte do professor. Enquanto que os que não sabem preferem se abster do jogo.

Apesar desses sujeitos (diretores, coordenadores e professores de outras áreas) identificarem o trabalho do professor especialista como sendo precário, nota-se em suas falas um reconhecimento de que a Educação Física proporciona aspectos importantes para a formação do sujeito. Por outro lado, esse reconhecimento não se expressa nas falas dos próprios professores de Educação Física. Pelo contrário, “[...] divergem das prestadas pelos diretores, seus colegas de escola e alunos, os quais declaram a relevância da presença da Educação Física na escola, apesar de externarem uma visão de que ela não ocorre como deveria” (MACEDO; ANTUNES, 1999, p. 15).

Portanto, as falas dos professores especialistas demonstram certo pessimismo e desânimo em relação ao ensino desse componente no contexto escolar ao afirmarem que: “[...] a Educação Física hoje em dia está fraca, pouco divulgada, cada vez mais rebaixada, além de estar desmoralizada, sem valor, sem motivação (MAECDO; ANTUNES, 1999, p. 13). Nesse sentido, vale ressaltar que por vezes a disciplina é desvaloriza pelos próprios profissionais da área.

Foi pertinente analisar também um outro estudo que discorre sobre essa questão das dificuldades no ensino de Educação Física. O artigo de Krug *et al.* (2019) aborda sobre as dificuldades pedagógicas encontradas por professores da rede pública de ensino de uma cidade do estado do Rio Grande do Sul. Esse estudo também foi regido por entrevistas com professores da área que puderam relatar os desafios encontrados durante diferentes fases da carreira enquanto docente. Dentre os resultados obtidos, foi possível concluir que:

[...] de forma geral, as dificuldades pedagógicas no cotidiano escolar estão ligados à diversos fatores, tanto fatores relacionados internamente à prática pedagógica dos professores (aos próprios professores e aos alunos), quanto à fatores relacionados externamente à prática pedagógica dos professores (estrutura da escola/sistema educacional). (KRUG *et al.*, 2019, p. 15).

Dessa forma, a partir das repostas obtidas nessas entrevistas com os professores de Educação Física, observou-se que as dificuldades relatadas como a falta de interesse dos alunos, a desvalorização do profissional, a falta de domínio da turma, entre outras dificuldades, possui relação com a própria conduta do professor e da relação professor-aluno, como observado no artigo anterior. Além disso, existem ainda outras questões que não envolvem a prática pedagógica dos professores, mas sim aspectos externos a isso, como a estruturação do sistema educacional, na qual são evidenciados os baixos salários, a falta de apoio da comunidade escolar, as condições precárias de trabalho entre outros elementos.

Em relação a falta de interesse por parte dos alunos em participar das aulas, temos que muitas vezes isso acontece por falta de motivação. Em outro estudo, realizado por PALUDO (2015), é possível identificar essa questão. No referido trabalho, buscou-se compreender os motivos que levam os alunos a participarem das aulas de Educação Física, levando em consideração que há um desinteresse que ocorre de maneira gradativa das primeiras para as últimas séries escolares. O estudo foi realizado com alunos do Ensino Médio, de uma escola de Porto Alegre. A partir da leitura do texto concordamos que:

[...] o professor deve sempre buscar conteúdos que atendam às necessidades do aluno, em prol do aprendizado durante as aulas de Educação Física, e consiga mantê-lo motivado para que seus objetivos sejam alcançados com o melhor desempenho possível. (PALUDO, 2015, p. 19).

É necessário que o professor tenha em mente as necessidades pedagógicas de seus alunos para que as atividades trabalhadas proporcionem maior motivação nesses sujeitos. No entanto, não foi isso que se observou na escola analisada. De acordo com as repostas obtidas

através das entrevistas com os alunos, notou-se que os estudantes são menos motivados a participar das aulas por fatores extrínsecos do que por fatores intrínsecos.

Os alunos do estudo mostraram um nível motivacional médio, o que demonstra que ainda há bastante o que se trabalhar neste aspecto. Além disso, o nível motivacional extrínseco é levemente menor que o intrínseco, o que sugere que os alunos recebem menos motivação de fontes externas que a própria vontade de empenhar-se e aprender. Dessa forma, modificações nos planos de aula baseadas em maior comunicação dos professores com os alunos poderá refletir em aumento da motivação extrínseca dos alunos. (PALUDO, 2015, p. 36).

Ao abordar sobre a motivação por fatores extrínsecos, o estudo se refere aos estímulos que os alunos recebem de meios externos, ou seja, de outras pessoas e não de si próprio. “O aluno extrinsecamente motivado busca uma tarefa escolar para melhorar suas notas ou receber recompensas e elogios e/ou evitar punições” (PALUDO, 2015, p. 33). Já sobre a motivação por fatores intrínsecos diz respeito ao próprio interesse em conhecer e participar de novas atividades, sem a pressão de outros agentes. “No contexto escolar, a motivação intrínseca está relacionada com a curiosidade de aprender, a persistência dos alunos nas tarefas” (PALUDO, 2015, p. 30).

A partir das respostas obtidas nas entrevistas, infere-se que os alunos desta instituição receberam menos estímulos dos professores para realizar as atividades do que a própria vontade de realizar a prática. Isso é um problema na medida em que é imprescindível que o professor desenvolva seu trabalho pedagógico de maneira qualificada, proporcionando atividades em que seus alunos se sintam motivados a participar.

Observamos que há uma forte descaracterização da Educação Física no contexto escolar influenciada por vários fatores, como a estruturação do sistema educacional e as formas de avaliação que acabam contribuindo para uma ideia que a disciplina seja algo desnecessário. Também temos a descaracterização que parte tanto dos pais quanto dos diretores, coordenadores e professores de outras áreas que possuem uma concepção equivocada sobre o papel da Educação Física, muitas vezes pautada no conhecimento do cotidiano, que confundem a disciplina com recreação, lazer, brincadeira e bagunça, inferiorizando o seu ensino na escola.

Ainda temos uma descaracterização que parte dos próprios professores de Educação Física que não compreendem a relevância e o sentido do ensino dessa disciplina na escola e por isso desenvolvem um trabalho pedagógico precário e incapaz de justificar a existência desse componente dentro do currículo escolar.

Analisando esses trabalhos abordados, nota-se que apesar de terem sido escritos em épocas diferentes, no caso dos dois primeiros são vinte anos de diferença entre eles, os desafios da Educação Física na escola se assemelham, principalmente no que diz respeito a conduta do professor de Educação Física. De acordo com as análises realizadas nos artigos, a forma com que o professor aborda o conteúdo acaba interferindo significativamente na participação ou não dos alunos.

Além disso, a postura desse profissional na escola também interfere na concepção que os outros sujeitos tem sobre a disciplina. Os sujeitos como os pais, diretores e coordenadores constroem uma visão sobre a disciplina que varia de acordo com o trabalho desenvolvido pelo professor da área, na medida em que o professor de Educação Física não desenvolve seu trabalho de maneira qualificada, esses sujeitos acabam identificando a aula de Educação Física como uma “brincadeira”, um “passa tempo”, ou qualquer outra característica que descaracteriza seu conteúdo e suas especificidades.

Essas questões nos trazem à tona o fato de que mesmo com o passar do tempo, as dificuldades pedagógicas não mudaram e que a valorização dessa disciplina na escola ainda é um grande desafio.

#### **4. EM DEFESA DA ESPECIFICIDADE DO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA**

Ao afirmarmos a importância da Educação Física na escola, compreender seu papel e a sua especificidade, é preciso que sua função social seja compreendida por todos os sujeitos, como pais, diretores, coordenadores, mas principalmente pelos próprios professores de Educação Física, de modo que suas práticas pedagógicas possam se tornar mais qualificadas e suas posturas enquanto professores mais adequados.

A educação, sendo um fenômeno próprio dos seres humanos, se constitui como fundamental no processo de desenvolvimento do indivíduo. Como já mencionado, o ato de educar se expressa na transmissão de ideias, hábitos, valores, atitudes, entre outros elementos que devem ser transmitidos de geração a geração e que tornam o indivíduo humano.

Ainda existem saberes, firmados como essenciais, transmitidos a partir de um processo deliberado, organizado, que também se constituem como indispensáveis nesse processo. Ao ensino desses saberes, coloca-se a instituição escolar, a responsabilidade de proporcionar esse acesso.

A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem organizar-se a partir dessa questão. (SAVIANI, 2011, p. 14).

O acesso ao conhecimento científico permite que o indivíduo se desenvolva em seus níveis mais elevados. No entanto, esse conhecimento não se encontra disponível imediatamente no âmbito do cotidiano. É somente a partir da escola que se torna possível a apropriação do saber sistematizado.

Por isso, compreende-se que existem conteúdos em suas especificidades que precisam ser ensinadas aos alunos na escola. Essas áreas foram, com o passar do tempo, se firmando como essenciais no processo educativo. Sendo elas a língua portuguesa, matemática, história, geografia, artes, entre outras matérias. Assim como essas disciplinas, a Educação Física também configura-se como componente curricular indispensável na escola.

Para reconhecer a necessidade de ensinar Educação Física, é preciso primeiramente, compreender o que vem a ser essa disciplina. Assim como qualquer outra matéria, a Educação Física configura-se como componente curricular fundamental para a formação e desenvolvimento do sujeito. E o seu ensino na escola possui um sentido e significado.

[...] a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal (SOARES *et al*, 1992, p. 33).

Para o Coletivo de Autores, a cultura corporal configura-se como o conhecimento próprio da Educação Física, que deve ser tratado na escola. Importante ressaltar que apesar da crítico-superadora não ser uma tradução da pedagogia histórico-crítica, é a teoria que mais se aproxima dessa pedagogia a partir dos fundamentos do marxismo. Essa área de conhecimento por compreender as manifestações historicamente acumuladas pela humanidade, que se refletem nos jogos, nas danças, nas lutas, nos esportes e em outras diversas formas de manifestações e que precisam ser assimiladas pelas novas gerações.

[...] a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retrçados e transmitidos para os alunos na escola (SOARES *et al*, 1992, p. 26).

Ou seja, podemos afirmar, a partir de Saviani (2011), que a Educação Física na escola deve possuir o objetivo de produzir em cada aluno singular a Cultura Corporal produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos seres humanos. Isso se faz necessário na medida em que o aluno precisa compreender que os movimentos não surgiram por acaso, mas que tem sua origem na realidade vivida pelo ser humano ao logo da história. E que devido a essa realidade, o indivíduo foi criando diversos movimentos e atitudes para suprir as suas necessidades, construindo dessa maneira uma corporeidade e uma cultura.

[...] o conhecimento é tratado de forma a ser retrçado desde sua origem ou gênese, a fim de possibilitar ao aluno a visão de historicidade, permitindo-lhe compreender-se enquanto sujeito histórico, capaz de interferir nos rumos de sua vida privada e da atividade social sistematizada [...] essa visão de historicidade tem um objetivo: a compreensão de que a produção humana é histórica, inesgotável e provisória (SOARES *et al*, 1992, p. 27).

Além de compreender a historicidade do conjunto de produções humanas, o aluno precisa ainda entender o seu papel enquanto sujeito na produção de novas manifestações. Ou seja, “[...] assumir a postura de produtor de outras atividades corporais que, no decorrer da história, poderão ser institucionalizadas” (SOARES *et al*, 1992, p 27). Sendo assim, o ensino da Educação Física a partir dessa perspectiva prioriza a formação de um sujeito crítico e

produtor de cultura, que não apenas se comporta de maneira passiva, mas se coloca como agente capaz de produzir e transformar a realidade.

A perspectiva de reflexão da Cultura Corporal na Educação Física possui suas bases na luta de classes, seguindo no sentido de consolidar os interesses da classe trabalhadora. Por isso, a luta pela transformação da realidade social se faz evidente nessa concepção.

A expectativa da Educação Física escolar, que tem como objeto a reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos - a emancipação - negando a dominação e submissão do homem pelo homem (SOARES *et al*, 1992, p. 27).

Essa linha de ensino permite que o aluno seja capaz de desenvolver uma leitura da realidade ao refletir sobre as questões que estão postas socialmente. Questões essas que evidenciam as relações de contradição presentes na sociedade capitalista. E a partir dessas reflexões o indivíduo pode se tornar capaz de identificar, compreender e possivelmente transformar a realidade a partir de seus interesses como classe social.

Contudo, a Educação Física como prática pedagógica “[...] surge de necessidades sociais concretas que, identificadas em diferentes momentos históricos, dão origem a diferentes entendimentos do que dela conhecemos” (SOARES *et al*, 1992, p. 34). Assim, podemos dizer que a origem da Educação Física na escola é marcada por determinantes sociais da época. Portanto, essa concepção de ensino da Educação Física a partir da Cultura Corporal não era defendida nas origens dessa prática na escola. Isso porque os interesses da sociedade por volta do século XVIII estavam centradas na consolidação de uma sociedade capitalista. Sendo assim, a prática da Educação Física veio no sentido de contribuir para a construção de “corpos saudáveis” atendendo as necessidades de uma sociedade capitalista onde a força de trabalho constitui-se como ferramenta indispensável.

[...] cuidar do corpo significa também cuidar da nova sociedade em construção, uma vez que, como já se afirmou, a força de trabalho produzida e posta em ação pelo corpo é fonte de lucro. Cuidar do corpo, portanto, passa a ser uma necessidade concreta que devia ser respondida pela sociedade do século XIX (SOARES *et al*, 1992, p. 35).

O ensino dessa disciplina no contexto escolar era representado por exercícios físicos que pudesse contribuir para essa concepção higienista da época, de um corpo forte, saudável e

ágil. Outro fator que teve grande influência nessa concepção de Educação Física foi o militarismo, tendo em vista que para além da manutenção de um corpo forte para o trabalho, essa disciplina também poderia contribuir para manutenção de um corpo para o exército e conseqüentemente para defesa da pátria. Portanto, as aulas que se resumiam exclusivamente em atividades práticas, passam a ter um sentido de alcançar a aptidão física, a disciplina e a moral por meio dos exercícios físicos.

[...] a educação física ministrada na escola começou a ser vista como importante instrumento de aprimoramento físico dos indivíduos que, "fortalecidos" pelo exercício físico, que em si gera saúde, estariam mais aptos para contribuir com a grandeza da indústria nascente, dos exércitos, assim como com a prosperidade da pátria (SOARES *et al*, 1992, p. 35).

A partir dessa breve síntese sobre os primeiros movimentos dessa disciplina na escola podemos perceber que outras pedagogias surgiram no sentido de contrapor com essa tendência, uma vez que suas limitações foram sendo reconhecidas. Nesse sentido, o ensino da Educação Física a partir da reflexão da Cultura Corporal, pautado na perspectiva crítico-superadora, veio apresentar uma proposta que se diferenciasse do ensino tecnicista.

Nessa perspectiva da reflexão da cultura corporal, a expressão corporal é uma linguagem, um conhecimento universal, patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitido e assimilado pelos alunos na escola. A sua ausência impede que o homem e a realidade sejam entendidos dentro de uma visão de totalidade. Como compreender a realidade natural e social, complexa e contraditória, sem uma reflexão sobre a cultura corporal humana? (SOARES *et al*, 1992, p. 29).

É fundamental para essa concepção de ensino que o aluno se aproprie do patrimônio cultural da humanidade, entendendo as relações sociais e suas contradições. Isso não significa que a técnica é desconsiderada nas aulas, todavia, ela não é tida como centralidade no processo de ensino, diferente de pedagogias tecnicistas, uma vez que o objetivo na Educação Física escolar não é formar um atleta, mas sim um aluno que conheça e experimente os elementos da Cultura Corporal e que se posicione de maneira crítica em relação as influências desses elementos na sociedade.

Justifica-se, assim, o porquê de o ensino da EF crítico-superadora não se limitar ao fetichismo da experiência, ao pragmatismo do imediatismo da prática, ao reducionismo do conhecimento diluído em saberes oriundos da evidência empírico-fenomênica, ou a formação de competências para agir o cotidiano [...] A orientação metodológica da EF crítico-superadora recupera a unidade da relação teoria e prática, rearticulando dialeticamente estes dois

aspectos distintos, porém, inseparáveis da pertença humana (LAVOURA, 2020, p. 113).

Apesar de na Educação Física ser comum e histórico a separação teoria/prática, o ensino desse conhecimento a partir da concepção crítico-superadora, defendida pelo Coletivo de Autores não tem esse entendimento. Para eles, esses elementos são trabalhados dialeticamente e, portanto, não há separação. Para além do ensino de atividades práticas como jogos, esportes e lutas é preciso ainda que o aluno consiga construir reflexões críticas acerca dessas atividades e suas determinações na sociedade.

[...] não basta praticar o jogo, o esporte, a dança, a luta ou a ginástica, por exemplo, para consistentemente e conseqüentemente conhecê-los. Esta é uma dimensão importante do processo formativo, mas, insuficiente. É preciso superar o praticismo e o utilitarismo, ordenado o ensino da EF de formar a desenvolver a reflexão do aluno sobre o acervo de conhecimentos que se sobrepõe ao jogar, ao dançar, ao lutar, ao praticar esporte, etc (LAVOURA, 2020, p. 114).

Apesar disso, nota-se que por conta de influências históricas, podemos observar ainda nos dias atuais uma tendência de ensino tecnicista, que se diferencia dessa linha pedagógica crítico-superadora, na medida em que prioriza um ensino voltado para formação técnica e para o mercado de trabalho. Essa forma de ensino está atrelada a determinadas correntes políticas que tendem a preparar os alunos para uma carreira profissionalizante, contribuindo dessa maneira, para a manutenção da sociedade capitalista.

A Educação Física ao não cumprir seu papel social na escola, reforça sua desvalorização contribuindo significativamente para diminuição das aulas de Educação Física na escola, caminhando até mesmo para uma possível exclusão no currículo, principalmente no Ensino Médio, como mencionamos no capítulo anterior. É nesse momento que o professor de Educação Física precisa valorizar o seu conteúdo, evidenciando a sua importância e necessidade até mesmo durante esse período de preparação para a carreira acadêmica.

Outro problema atrelado à Educação Física na escola, diz respeito à falta de participação por parte de uma parcela de alunos, geralmente do Ensino Médio, que por conta de questões relacionadas com a adolescência, início da fase de interesse amoroso, a preocupação com a imagem, o medo de se sujar, a vergonha, dentre outros fatores, prefere se ausentar das aulas.

A questão da falta de interesse dos alunos nas aulas, muitas vezes são resultados do pouco estímulo que recebem do professor. Portanto, é imprescindível que o professor de

Educação Física transmita um conteúdo que desperte o interesse em seus alunos durante as aulas, desenvolvendo atividades que promovam a participação e interação de todos os estudantes. Dessa forma, a pouca participação por conta de fatores relacionados à adolescência podem ser minimizados através de estratégias desenvolvida pelo professor.

Na educação infantil muitas vezes as atividades são desenvolvidas baseadas no espontaneísmo e nas concepções que naturalizam a infância. Entretanto, o ensino espontâneo não apresenta contribuições significativas no processo de desenvolvimento da criança, elas até podem aprender a partir de experiências individuais ou coletivas, mas de todo modo são aprendizados que elas podem adquirir em qualquer espaço e a partir de qualquer estímulo. Segundo Melo, Lavoura e Taffarel (2020) nessa primeira fase de formação, o ensino sistematizado dos elementos da Cultura Corporal configura como importantes no processo de desenvolvimento da criança. Portanto, a presença do professor de Educação Física na Educação Infantil também se faz necessária, uma vez que é apenas este profissional que possui o domínio do conteúdo específico de que trata a Educação Física.

Independente de qual seja a etapa da educação, o ensino da Educação Física se constitui como elemento fundamental no processo de formação do ser humano. Isso porque, a partir da apropriação do conteúdo próprio dessa área os indivíduos ampliam as possibilidades de desenvolverem-se em todos aspectos (não fazendo a clássica distinção corpo/mente).

[...] dividir o desenvolvimento da criança em psicológico e físico, como foi admitido durante muito tempo, não nos parece correto nem se justifica cientificamente, porque o desenvolvimento psicológico está intimamente relacionado ao físico e nunca se apresenta como uma linha independente [...] Há uma série desses aspectos do desenvolvimento que não é possível relacionar apenas ao desenvolvimento psíquico ou apenas ao físico. Por exemplo, o desenvolvimento motor ou dos movimentos. Por um lado, os movimentos do homem ou da criança são manifestações de sua atividade consciente, de sua atividade psicológica, mas, por outro, o movimento é sempre um ato motor realizado e executado pelo organismo. Por isso, quando analisamos o sistema motor, a diferenciação em psíquico e físico se torna simplesmente impossível. (VIGOTSKI, 2018, p. 109-110).

A ideia pautada no cotidiano de que a Educação Física serve para desenvolver o físico não tem fundamento, uma vez que não há possibilidade de compreender esses dois elementos (desenvolvimento psíquico e desenvolvimento físico) de maneira distinta. Ou seja, não existe essa diferenciação pois o desenvolvimento psíquico está estritamente relacionado ao desenvolvimento físico.

Assim como outras disciplinas como português, matemática, geografia, etc, a Educação Física também se configura como disciplina indispensável no processo de formação

dos alunos na escola. Afinal, da mesma forma que é necessário aprender matemática para saber lidar com os números, ou português para saber lidar com a linguagem, é preciso aprender Educação Física para conhecer as diversas práticas corporais que existem e compreender os limites na sociedade capitalista.

Cada área de conhecimento possui sua relevância no processo formativo de um sujeito tendo em vista a sua especificidade. Pode-se dizer que a especificidade da Educação Física está no seu conteúdo que lhe é próprio, compreendido nesta perspectiva como Cultura Corporal.

A existência de um conjunto de movimentos criados desde as primeiras manifestações humanas, ou seja, desde a origem dos seres humanos que se constituem como elementos culturais e historicamente desenvolvidos pela espécie humana ao longo do tempo sendo, portanto, refletidos nas diversas práticas corporais que hoje existem, tornando-se indispensável a humanização a apropriação destes conhecimentos.

[...] os conteúdos da cultura corporal a serem apreendidos na escola devem emergir da realidade dinâmica e concreta do mundo do aluno. Tendo em vista uma nova compreensão dessa realidade social, um novo entendimento que supere o senso comum, o professor orientará, através dos ciclos, uma nova leitura da realidade pelo aluno, com referências cada vez mais amplas (SOARES *et al*, 1992, p. 62).

Compreendemos que o ensino da Educação Física na escola, para além do ensino de práticas esportivas, deve possuir um objetivo maior e mais significativo, justificando a sua existência no âmbito escolar. Nesse sentido, além de abordar todos os elementos da Cultura Corporal, a Educação Física na escola deve proporcionar ao aluno uma visão crítica a respeito desses elementos, compreendendo assim, as contradições existentes na sociedade capitalista. Fazendo dessa forma, o movimento de superação do senso comum, ao passar do pensamento sincrético para o pensamento sintético.

Não se faz necessário a existência da Educação Física na escola quando o objetivo é somente praticar um esporte ou qualquer outra atividade física aleatória. Pois isso pode ser feito em diversos outros lugares, como em clubes, parques, escolinhas, entre outros ambientes. Além disso, durante uma aula os alunos não devem ficar "livres" para jogar o que bem entendem. Como quando acontece em muitas situações, o professor oferece a bola aos alunos e deixa eles decidirem o que vão jogar na aula. Geralmente, a escolha sempre acaba se resumindo ao futebol, pelo fato de ser a prática que eles mais conhecem. Contudo, jogar futebol durante as aulas não justifica a necessidade desse conteúdo. O ensino dessa disciplina só faz sentido no âmbito escolar tendo em vista a necessidade de transmissão do seu conteúdo que lhe é próprio,

representado pela Cultura Corporal, que não se resume apenas em um ou outro esporte, mas sim em um conjunto de movimentos que precisam ser apresentados e vivenciados pelos alunos.

Concordamos com Oliveira (2011) que a Educação Física pode ter diversos objetivos, como o esporte, a saúde, a ginástica, o lazer, a cultura etc. Contudo, o ensino desse conhecimento na escola possui um objetivo que se difere de todos esses outros advindos desses espaços. Isso porque, essa disciplina busca tematizar as práticas corporais a partir de um ensino sistematizado e, portanto, não se configura como qualquer ensino, proveniente do cotidiano ou de qualquer outro âmbito, mas constitui-se como um ensino deliberado pautado na ciência.

É somente a partir da escola que se torna possível a transmissão sistematizada do conteúdo da Educação Física, visto que em outros locais esse ensino geralmente está atrelado ao conhecimento do cotidiano e, portanto, não possui embasamento científico.

Para pedagogia histórico-crítica:

[...] o papel da escola não é mostrar a face visível da lua, isto é, reiterar o cotidiano, mas mostrar a face oculta, ou seja, revelar os aspectos essenciais das relações sociais que ocultam sob os fenômenos que se mostram à nossa percepção imediata. (SAVIANI, 2011, p. 201).

A escola deve apresentar ao aluno aquilo que não está no aparente, ou seja, aquilo que não está posto diretamente no cotidiano, mas sim o que está oculto. No que diz respeito à Educação Física, isso quer dizer revelar aos alunos o conhecimento sobre os elementos da Cultura Corporal que esses indivíduos não tem acesso. Isso não significa que o futebol, por exemplo, não deve ser algo trabalho, pelo fato de as crianças terem acesso no seu dia a dia. Quer dizer que a face oculta do futebol, que não é conhecida pelos alunos, precisa ser trabalhada na escola.

O ensino dessa disciplina na escola deve seguir no sentido de promover a apropriação dos elementos da Cultura Corporal, contribuindo assim para o desenvolvimento do ser humano a partir da sua especificidade. Além disso, buscar a formação de um sujeito crítico que compreenda as relações existentes entre o conteúdo da Educação Física e a sociedade.

## 5. CONCLUSÃO

Os seres humanos se desenvolvem enquanto indivíduos a partir das relações sociais se apropriando das produções historicamente acumuladas pela humanidade. Esse conjunto de produções, ou seja, do conhecimento, dos hábitos, dos valores, das ideias, dos costumes, precisam ser repassados de geração a geração, pois, só assim, o ser humano é capaz de desenvolver hábitos e atitudes humanas.

Nesse sentido, desde a sua origem, os seres humanos nascem pertencendo a sua espécie, mas precisam se humanizar em quanto indivíduos. Esse processo se dá a partir de mediações, tendo em vista que o ser humano, em sua individualidade, se encontra limitado para atingir níveis mais elevados de desenvolvimento apenas com suas próprias vivências e experiências pessoais do cotidiano.

O conhecimento adquirido a partir das experiências e da vida cotidiana não são suficientes para produzir um desenvolvimento em níveis mais elevados. Isso não significa que esse conhecimento seja algo desprezado. Pelo contrário, o conhecimento do cotidiano contribui para a formação humana na medida em que promove o aprendizado sobre questões relacionadas a sobrevivência, as relações sociais imediatas, a regras de conduta mais comuns, a comunicação básica, entre outros fatores importantes para a vida humana.

Entretanto, é necessário também que o ser humano se aproprie daquilo que de mais rico a humanidade produziu ao longo do tempo, pois é dessa forma que se evidencia o enriquecimento humano-genérico. Essas produções, ou seja, o conhecimento elaborado, não é adquirido a partir do cotidiano, mas sim a partir da mediação entre indivíduo singular e gênero humano, e para alcançar este objetivo a escola é a instituição social mais desenvolvida, tendo em vista que essa instituição é responsável pela socialização do saber sistematizado, científico e não do saber disponível na vida cotidiana.

Assim, identificamos a função social da escola que se expressa em promover a todos os indivíduos o acesso ao saber elaborado. E através da seleção daquilo que se fundamenta como essencial no processo educativo e conseqüentemente no desenvolvimento humano, essa instituição deve buscar oferecer as melhores condições de ensino de acordo com cada indivíduo. Visando dessa forma, a superação dos limites impostos pelo conhecimento proveniente do cotidiano.

Compreendendo que existem elementos necessários que precisam ser ensinados na escola, buscamos compreender a importância do ensino dos conteúdos específicos da Educação

Física para o desenvolvimento dos seres humanos. Afinal, o questionamento sobre a relevância dessa disciplina na escola, é uma realidade histórica e ainda presente nos dias de hoje.

Esses questionamentos existem porque a especificidade da Educação Física e a sua função na escola, muitas vezes, não são reconhecidos, fato que acaba contribuindo para a desvalorização dessa disciplina no contexto escolar.

Algumas concepções, pautadas no conhecimento cotidiano, compreendem o papel da Educação Física de maneira equivocada ao achar que a função dessa disciplina na escola é contribuir com o desenvolvimento de outras disciplinas, promover lazer, recreação, momento livre entre outras funções que não caracterizam essa matéria. Essas concepções, muitas vezes, advindas de pais, diretores e professores de outras áreas, descaracterizam o trabalho da Educação Física na escola contribuindo para sua desvalorização social.

Contudo, nem sempre essa descaracterização é influenciada somente pelo conhecimento cotidiano ou pela falta de conhecimento sobre a função da disciplina. Muitas vezes essa visão distorcida que a sociedade em geral possui da Educação Física advém da própria conduta do professor de Educação Física, que por não compreender a relevância do conteúdo acaba desenvolvendo um trabalho precário, incapaz de justificar a existência dessa disciplina na escola, ficando a margem das discussões mais gerais da sociedade, educação e política.

Através dos dados analisados, percebemos que, na grande maioria das vezes, os problemas pedagógicos encontrados no ensino da Educação Física na escola como a desvalorização profissional, a falta de interesse dos alunos em participar das aulas e a falta de domínio da turma, tem relação com a própria conduta do professor de Educação Física, que não trabalha os conteúdos dessa disciplina como deveriam ser trabalhados.

Por isso, a sociedade acaba construindo uma visão sobre a aula que varia de acordo com o trabalho desenvolvido pelo professor, podendo ser vista como “aula desnecessária”, “uma bagunça”, “perda de tempo” entre outras atribuições dependendo do que é visto durante as aulas.

Identificamos também alguns fatores que descaracterizam a Educação Física na escola. Primeiro temos a estruturação do sistema educacional e as formas de avaliação no Brasil, que contribuem para uma secundarização do conteúdo e uma diminuição das aulas, visto que o conteúdo não é tido como relevante.

Em seguida temos uma compreensão limitada sobre o papel dessa disciplina na escola que se reflete na inferiorização do conteúdo por parte dos pais, direção, coordenação, professores de outras áreas e sociedade em geral.

E temos também uma descaracterização que parte da própria atuação dos professores de Educação Física. Os dados analisados, revelam que na concepção dos sujeitos que compõe a escola, o trabalho realizado pelo professor de Educação Física, muitas vezes constitui-se como precário.

Isso mostra que o professor não conhece a especificidade do seu conteúdo e a sua função na escola. É fundamental que o professor de Educação Física compreenda que a especificidade da disciplina está em seu conteúdo representado pela cultura corporal. Por isso, o trabalho pedagógico deve seguir no sentido de promover aos alunos o acesso a esses elementos, garantindo o desenvolvimento desses indivíduos.

Tendo em vista que a discussão sobre a Educação Física na escola a partir da pedagogia histórico-crítica, ainda é um tema pouco difundido, entendemos que é necessário que mais pesquisas abordem sobre o tema para que a Educação Física possa ser compreendida e justificada na escola a partir de sua especificidade, que é a transmissão intencional da cultura corporal, uma vez que se a Educação Física não cumprir sua função este conhecimento, em suas formas mais desenvolvidas, pode deixar de ser apreendido por todos os seres humanos.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 10 out. 2022.
- KRUG, Hugo Norberto *et al.* As dificuldades pedagógicas em diversas fases da carreira de professores de Educação Física na educação básica. **Horizontes**, Dourados, v. 7, n. 13, p. 223-246, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/hre.v7i13.8700>. Acesso em: 10 out. 2022.
- LAVOURA, Tiago Nicola. Natureza e especificidade da Educação Física na escola. **Poiésis**, Tubarão, v. 14, n. 25, p. 99-119, jan./jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.19177/prppge.v14e25202099-119>. Acesso em: 10 out. 2022.
- LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- LONGO, Monique Marques; XAVIER, Isis Gabrielli Gomes. A formação de professores de Educação Física escolar infantil no Brasil. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 17, n. 3, p. 63-78, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5628/rpcd.17.03.63>. Acesso em: 10 out. 2022.
- MACEDO, Roberta Lélis de; ANTUNES, Rita de Cássia Franco de Souza. Valoração da Educação Física: da produção acadêmica ao reconhecimento individual e social. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 2, p. 65-83, jun./jun. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v2i0.150>. Acesso em: 10 out. 2022.
- MARTINS, Lígia Márcia. Os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e os fundamentos pedagógicos da psicologia histórico-cultural. **Germinal**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 130-143, dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/gmed.v5i2.9705>. Acesso em: 10 out. 2022.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2. ed. 2. tir. 2001.
- MELO, Flávio Dantas Albuquerque; LAVOURA, Tiago Nicola; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. Ciclos de escolarização e sistematização lógica do conhecimento no ensino crítico-superador da Educação Física: contribuições da teoria da atividade. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, n. 10, p. 117-134, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2338>. Acesso em: 10 out. 2022.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. 2. ed. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- PALUDO, Daniela Prado. **A motivação das aulas de Educação Física para estudantes do Ensino Médio**. 2015. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/133194>. Acesso em: 10 out. 2022.

ROSSLER, João Henrique. O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller.

**Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 100-116, abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100007>. Acesso em: 10 out. 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval. Antecedentes, origem e desenvolvimento da pedagogia histórico-crítica. In: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão (org.) **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 197-225.

SILVA, Efrain Maciel e. **A pedagogia histórico-crítica no cenário da Educação Física brasileira**. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15717>. Acesso em: 10 out. 2022.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Sexta aula. Leis gerais do desenvolvimento físico da criança. In: PRESTES, Zoia Ribeiro; TUNES, Elizabeth (org.). **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia**. Rio de Janeiro: E-papers, 2018. p. 109-129.